

Entre o afeto e a falta:
maternidade e crítica feminista em
dissolúveis, de Vanessa Gonçalves

Jean Marcelo dos Santos Silva* 

Adriana Maria de Abreu Barbosa 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Correspondência: jeanmlago1111@gmail.com

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE:

Vanessa Gonçalves
dissolúveis
Maternidade
Teoria feminista
Literatura brasileira
contemporânea
Literatura feminista

Este artigo analisa contos de *dissolúveis* (2022), de Vanessa Gonçalves, que abordam o tema da maternidade, com o objetivo de observar como a experiência materna é expressa na obra e como as personagens femininas são construídas em sua complexidade e ambivalência. Para tanto, mobiliza-se um arcabouço teórico feminista que percorre desde a abordagem histórica de Badinter (1985) até as contribuições de bell hooks (2019; 2021) sobre a relação entre educação, maternidade e amor. A análise visa estabelecer parâmetros que permitam um aprofundamento crítico dos contos e uma melhor apreciação da prosa de Gonçalves.

SUBMETIDO: 20 de janeiro de 2026 | **ACEITO:** 23 de fevereiro de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026

© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Desde o primeiro conto de *dissolúveis* (2022), Vanessa Gonçalves evoca relações complexas entre as mulheres que povoam sua narrativa. As personagens, em sua maioria sem nome próprio — escolha estética que lhes confere um caráter arquetípico —, são designadas apenas pelos papéis familiares que ocupam (mãe, avó, irmã). A autora explicita que os contos são inspirados em sua própria vida, o que, por um lado, estabelece uma costura particular entre as narrativas e, por outro, convida o/a leitor/a a uma escuta sensível dos temas e acontecimentos ali encenados.

Para melhor apreciação do conteúdo, optou-se por apresentar o arcabouço teórico *a priori*, de modo a contextualizar previamente os temas que serão abordados na análise. Assim, a primeira parte do ensaio examina o

desenvolvimento histórico da relação entre sociedade e maternidade; a segunda, os debates feministas em torno do tema; a terceira, por fim, dedica-se à apreciação dos contos de Gonçalves que têm a maternidade como eixo central. Este percurso busca oferecer ao/à leitor/a as ferramentas conceituais necessárias para uma leitura crítica e aprofundada da obra.

A relação da sociedade com a maternidade

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade[...]” (Beauvoir, 1967, p.9). Beauvoir apontou em meados do século XX como a mulher era forçada a exercer o papel social feminino pela sociedade que a cercava, de forma que qualquer mulher que se opusesse ao papel de mãe era, em menor grau, criticada por seus pares, ou, em maior grau, punida. Badinter (1985) reforça essa perspectiva ao pesquisar a relação da sociedade com a maternidade e aponta como, ao longo dos séculos, a parentalidade foi exercida de diversas formas, havendo vários exemplos de mães que fugiam ao ideal de maternidade que reverbera na contemporaneidade: mães que negavam a proximidade com as crianças desde seu nascimento; pais que consideravam a criança como estorvo e apenas mais uma despesa; o ato de deixar as crianças com amas-de-leite desde as primeiras horas de nascimento, recebendo-as de volta por volta dos quatro anos de idade, apenas para continuar ignorando sua educação e delegando o ensino a governantas e preceptores. Foram vários os momentos e os pensadores que incentivaram o exercício da maternidade como um dom natural da mulher, como Rousseau, e que criticaram as mulheres que buscaram o conhecimento intelectual e se afastaram das funções maternas, como Voltaire. Esse incentivo, porém, não decorria apenas da crença em um dom natural, mas da compreensão de que a nação precisava do aumento demográfico da população, uma vez que o costume de delegar os primeiros anos de cuidado da criança a amas-de-leite contribuía para a mortalidade infantil, sem contar o pânico causado por esses intelectuais sobre uma suposta queda na taxa de natalidade da França à época.

[...] os gritos de alarme de Montesquiel, Voltaire, Rousseau e dos fisiocratas tiveram consequências. Pois à força de ouvir de vozes tão autorizadas que a França se despovoava, todos os que tinham

alguma responsabilidade admitiram a idéia como fato indiscutível e, portanto, como um problema a resolver. (Badinter, 1985, p.151.)

É possível imaginar o processo de desenvolvimento do pensamento da época em direção à valorização da criança quando Badinter destaca que “o senso da previsão e da antecipação se havia desenvolvido nos homens do fim de século, não se via mais na criança o fardo que ela representava a curto prazo, mas a força de produção que encarnava a longo prazo” (Badinter, 1985, p.159). Desse modo, a sociedade e o governo começam a aumentar as campanhas para incentivar a maternidade, que vão se desenvolvendo exponencialmente, a ponto de que “o século XX foi consolidado pela literatura médica como ‘o século da criança’” (Vásquez, 2014, p.168). Concomitantemente, sociedade e governo incentivaram de tal forma o pensamento de que a maternidade é natural e um desejo de toda mulher que “Esta construção histórica a respeito da relação mãe e filho, desencadeou sentimentos de perplexidade e até mesmo revoltas quando uma mulher, biologicamente capaz de gerar a vida, se recusava a engravidar ou optava pela eliminação do feto” (Vásquez, 2014, p.168). Três frentes diferentes agiram para fortalecer a ideia de que o desejo pela maternidade era natural e inerente a toda mulher: a sociedade civil, que ensinada sobre a importância da maternidade tratava de incentivar esse caminho desde cedo; os médicos, que passaram a disciplinar o corpo feminino; e a Igreja, que reforçou a imagem de Maria como modelo de mãe sacrificial.

A Igreja contribuiu para o fortalecimento do ideal de maternidade principalmente pela imagem de Maria, apresentada como uma mãe a quem se recorre em necessidade — “uma mulher a quem poderiam recorrer como ‘uma mãe’” (Vásquez, 2014, p.169). As mulheres receberam ao longo dos séculos um exemplo de maternidade pautado no sacrifício, uma representação social de sofrimento e, paralelamente, de sublimação (Heinemann, 1999, apud Vásquez, 2014, p.170). Badinter (1985) destacou, em meados do século XVIII, a utilização da imagem de Maria para incentivar a importância da maternagem. Segundo a autora, se em dado momento a figura feminina era associada a Eva para representar o pecado original atribuído ao sexo feminino, uma transformação nos costumes da época substituiu essa representação por Maria, emancipando parcialmente a mulher da tutela do marido:

A mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou a uma criatura astuta e diabólica que é preciso pôr na linha. Ela se transforma numa pessoa doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar. (Badinter, 1985, p.202.)

A medicina também exerceu forte influência sobre os incentivos à maternidade. Ao longo do final do século XVII e meados do XVIII, intelectuais e médicos consideravam que amamentar os próprios filhos não era apropriado, e que grandes demonstrações de afeto às crianças eram desaconselháveis (Badinter, 1985, p.99) — em geral, acreditava-se que cuidar e dar afeto não cabia à mãe, mas sim às amas-de-leite e aos criados. Contudo, a partir de meados do século XVIII, especialmente após 1760, a preocupação com a taxa de natalidade e o desenvolvimento da nação passou a mobilizar o Estado, antropólogos, filósofos e médicos. A influência da medicina deu-se sobretudo ao desaconselhar a entrega dos filhos a amas e ao incentivar o aleitamento materno, com alguns médicos alertando para o risco de vida caso as mulheres não amamentassem seus filhos (Badinter, 1985, p.195).

Ávido leitor de Rousseau, Napoleão foi mais uma das figuras importantes que incentivaram a educação feminina única e exclusivamente com o propósito de formar mães dedicadas às funções do lar — boas esposas, mães e devotas, que não questionassem as decisões do marido (Badinter, 1985, p.247). Vásquez (2014) aponta que, no campo médico, traçou-se um caminho semelhante: maior atenção à saúde da mulher, o que de certa forma trouxe avanços, mas também permitiu "aos médicos expandir o controle sobre a família, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando o sexo e os prazeres" (Matos, 2000, p.82 *apud* Vásquez, 2014, p.171). Fica claro que o principal objetivo de médicos, estadistas, filósofos e aristocratas, do século XVI ao XX, era o controle das possibilidades do corpo feminino e o incentivo para que as mulheres se mantivessem fora da vida pública. Mesmo com os avanços da medicina apontando que a natureza não havia criado a mulher como um homem imperfeito, mas como um ser dotado de singularidades, não deixaram de sugerir que o sujeito feminino seria "um ser com natureza específica e principalmente

com uma função sócio-cultural determinada: a maternidade" (Vásquez, 2014, p.172).

Dessa forma, constata-se como diversas frentes atuaram em conjunto para atribuir à mulher o papel social de passividade comentado por Beauvoir. Foi a partir de seus estudos também que críticas a tais determinações começaram a ser construídas para contrapor os papéis sociais atribuídos às mulheres. De acordo com Tomáz (2015), o problema não está no corpo da mulher ou do homem, mas nos sentidos socialmente construídos e atribuídos a tais diferenças:

Afinal, o problema não está no corpo da mulher ou do homem, mas nos sentidos socialmente construídos e atribuídos a tais diferenças e a suas possibilidades e potencialidades. Sendo assim, a maternidade, com tais contribuições, foi desnaturalizada e passou a ser compreendida como um papel social atribuído à mulher dentro de uma organização sexual do trabalho. (Tomáz, 2015, p.157.)

Relação feminismo-maternidade

Sem entrar nos pormenores do que o feminismo é e representa — afinal, há diversas intelectuais que podem explicá-lo com muito mais propriedade —, considera-se necessário tratar brevemente do que o movimento debateu ao longo dos anos. Alves e Pitanguy (2003, p.8) retratam bem os pontos de ação do feminismo ao dizer que "[...] o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo", principalmente considerando a forma como a sociedade se organiza em relações hierárquicas e de luta de classes. Concomitantemente, hooks concebe o feminismo como um movimento para acabar com a opressão sexista, sem deixar de considerar todas as formas de opressão que auxiliam na manutenção do patriarcado na sociedade.

Quando falamos de maternidade, sua imposição como capacidade inata às mulheres foi extremamente difundida e incentivada a partir de argumentos diversos, além de muitos incentivos publicitários, como apontam hooks (2019, p.199) num contexto geral, e Tomaz (2015, p.157-158) no contexto brasileiro. Entre os incentivos publicitários ou de ordem governamental, haveriam alguns tais como: a felicidade feminina verdadeira só poderia ser alcançada a partir do exercício da maternidade; uma mãe que não educa seus filhos é a principal culpada por seus delitos e, concomitantemente, pelos problemas da sociedade.

Em resumo, foi preciso "apelar ao seu senso do dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritícia e maternante, dita natural e espontânea" (Badinter, 1985, p.144). Ora, se natural e espontânea, por que forçada? Segundo Badinter, quando o patriarcado defende tais mudanças estruturais, não tem outro objetivo senão a defesa dos próprios interesses: "Decididamente, os homens foram melhores defensores da causa das mães, a menos que, através desse artifício, não tenham defendido na realidade senão a própria causa." (Badinter, 1985, p.193).

O movimento feminista, então, entendendo que a maternidade é uma construção social, amplia o escopo do debate e começa a considerá-la como:

[...] um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (Scavone, 2001, p.138-139.)

Isso será apontado por Badinter ao referir-se ao desenvolvimento da maternidade no século XVIII, pois "cuidar dos filhos, vigiá-los e educá-los exige sua presença efetiva no lar. Totalmente entregue às suas novas obrigações, não tem mais tempo nem desejo de frequentar os salões e fazer vida mundana" (Badinter, 1985, p.212). Assim como por Scavone, ao relatar que, mesmo com os avanços nos debates em relação à parentalidade, "[...] as mulheres continuam tendo uma relação mais comprometida com os filho(a)s do que os homens, sendo ainda elas que assumem a maioria das responsabilidades parentais" (Scavone, 2001, p.148). Desde o início, o patriarcado

levou à subjugação das mulheres, que frequentemente eram designadas a papéis domésticos, vistos como menos valiosos aos olhos da sociedade. Consequentemente, as mulheres eram frequentemente submetidas a normas sociais que as impediam de participar de papéis fora de casa. (Oghadeva, 2025, p.288.)

Em um primeiro momento, o movimento feminista apontou a maternidade como uma (senão a principal) forma para que a dominação masculina sobre o corpo feminino acontecesse. Logo, o movimento buscou lutar pela liberdade sexual e por formas seguras de contracepção, pela livre escolha da maternidade. "*un enfant, si je veux, quand je veux*"[uma criança se eu quiser, quando eu quiser] (Scavone, 2001, p.139). Passado esse primeiro momento de recusa de

características consideradas femininas, surge um segundo momento caracterizado pela autocrítica do movimento feminista, questionando-se se as mulheres querem mesmo ser definidas sem a maternidade. Dessa forma, a maternidade é caracterizada também como parte da identidade das mulheres e, por que não, um poder insubstituível do sexo feminino (Scavone, 2001, p.140). Chegamos, então, a um terceiro momento em que se percebe que “não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social das mulheres, mas as relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade” (Scavone, 2001, p.140). Foi a partir desse desenvolvimento contínuo dos estudos feministas que se introduziu o conceito de gênero, o qual:

[...] possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. (Scavone, 2001, p.142.)

Entre as teóricas feministas contemporâneas que contribuíram para o desenvolvimento da teoria feminista no que tange à inserção de minorias no movimento e na discussão feminismo-maternidade, uma das que mais se destaca é bell hooks, principalmente a partir do lançamento de *Teoria feminista: da margem ao centro* (1984). Neste ensaio, hooks visa aprofundar a discussão feminista para um ponto além do que o feminismo branco-burguês havia levado e, de certa forma, estagnado, para assim ajudar a desenvolver uma teoria feminista que abrangesse também mulheres pobres e racializadas. Pois, como hooks aponta ao longo de todo o livro, as críticas e as reivindicações do movimento de libertação das mulheres atendiam apenas mulheres brancas, em geral casadas e com segurança financeira plena.

O que hooks fez foi justamente refletir a importância de tratar o feminismo como “movimento para acabar com a opressão sexista” (hooks, 2019, p.65) e assim “chama nossa atenção para os sistemas de dominação e para a inter-relação entre sexo, raça e opressão de classe” (hooks, 2019, p.65). Seria possível então reconhecer a necessidade de erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social. Dessa forma, hooks debruça-se sobre diversos aspectos da luta feminista: a importância das mulheres racializadas dentro do movimento e de tornar o feminismo um movimento que

também as abranja; a superação da ideia patriarcal que põe mulheres como inimigas e a importância da solidariedade entre mulheres; por que o feminismo também deve enfrentar o racismo e outras formas de opressão; a importância da educação saudável e não-patriarcal, entre outros temas de suma importância e que são relevantes até os dias atuais.

hooks também versará sobre a maternidade (e a parentalidade como um todo). Se em seus primeiros passos o feminismo, na figura de Beauvoir, dizia que a mulher deve livrar-se do fardo de ser mãe e esposa, tornando-se *l'homme* sobretudo através da conquista de uma profissão (Zolin, 2009, p.225) e assim exercendo sua independência, hooks aponta que o exercício a ser feito em relação a pais e filhos diz respeito a uma parentalidade saudável, na qual homem e mulher trabalhem em conjunto e igualmente no cuidado com seus filhos, diminuindo o fardo da mulher, atribuindo maior responsabilidade ao homem e ajudando a extinguir a ideia de que a maternidade é natural, inerente à mulher ou um dom feminino. Mostra-se importante retirar essa crença de dom feminino da gravidez, justamente por ela, por vezes, ser vista como um fim em si para a mulher, como destaca Oghadeva (2025) ao apontar que na Nigéria existe um ditado popular chamado “Iya ni wura”, que significa “mãe é ouro”, utilizado para demonstrar o quão precioso é o papel de uma mãe, mas também que “uma mulher estéril ou incapaz de produzir filhos é vista como um fracasso” (Oghadeva, 2025, p.291). Ressalta-se, assim, que ao apontar a maternidade como um dom feminino e um objetivo vital para a mulher, todo o valor que essa mulher tenha fica ligado à sua capacidade (ou não) de gerar descendentes.

hooks também incluirá a adesão a políticas públicas e ideais que criem redes de apoio para essas mulheres, tais como a criação de creches públicas e o incentivo a ver a criança como uma responsabilidade da comunidade, algo mais comum em comunidades negras. Tais discussões de hooks sobre a maternidade também serão bastante contundentes em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021), nas quais hooks destaca a importância da educação saudável, do exercício do amor entre pares e comunidades e da importância do amor dentro das relações sociais.

dissolúveis e a maternidade

Em seus contos, Vanessa Gonçalves (2022) perpassa diversos temas, com destaque para aqueles que envolvem o mundo feminino, dado que as narrativas são inspiradas em sua própria vida. Dessa forma, a mulher torna-se o tema principal da maioria dos contos, que versam sobre a realidade da mulher-mãe, da mulher-filha, da mulher-escritora, da mulher em sua relação com o sexo masculino e com o mundo. Dentre esses temas, a relação maternal está presente em diversos contos, em maior ou menor grau.

A relação maternal é destaque do primeiro conto do livro, "bocas". Nele, a protagonista recebe uma mensagem por aplicativo elogiando sua boca, o que a faz rir e relembrar a infância e "a história de amor pela própria boca" (Gonçalves, 2022, p.21). Aos 12 anos, a jovem desejava ganhar dinheiro, mas sua mãe impedia que ela trabalhasse em casa de estranhos: "Estudar! É isso que você vai fazer pra não ficar feito eu esfregando a casa dos outros" (Gonçalves, 2022, p.21). Na adolescência miserável vivida em uma periferia, sentia necessidade de dinheiro e resolveu trabalhar para a avó. O feminismo apresentado por essa mãe demonstra certa influência beauvoriana, uma vez que seu desejo é que a menina busque um trabalho que a emancipe, para que não se veja presa à necessidade de trabalhar como empregada ou zeladora. Permitir que a filha ajudasse a avó foi uma forma de conceder-lhe certa independência, sem ainda impor-lhe as responsabilidades de um trabalho formal.

A avó é descrita como uma senhora tão branca, tão clara, que destoava das pessoas que a jovem não queria ser, mas era. A avó também costumava humilhar filha e neta: "Vagabunda, será uma vagabunda como a tua mãe que teu pai abandonou" (Gonçalves, 2022, p.22). Percebe-se que a relação entre avó e neta não é saudável, assim como não o era entre avó e mãe. Mãe essa que defende as atitudes da avó: "Era o modo como ela amava, dizia a mãe da menina que tentava também amar a própria mãe" (Gonçalves, 2022, p.22).

Assim se dispõem as três personagens do conto — filha, mãe e avó — tentando se amar ao mesmo tempo que lidam com as frustrações que a vida lhes impôs. A avó, desgostosa da vida que levava, descontava suas frustrações na filha e na neta. A filha, açoitada pelas palavras e pelas mãos da mãe, repetia os ensinamentos sobre a menina, pois aprendera dessa forma e era a única que conhecia. A menina, sem ter como redirecionar suas dores, mas ainda querendo

ser amada pela mãe e pela avó:

[...] queria ser amada por ela-elas. Então passou a sentir rancor, que virou um rancor delas. Era raiva da história delas: de surras que levaram de homens, de homens que as abandonaram, de terem parido homens que amavam mais do que as mulheres que geraram. [...] Raiva era um modo de amor, talvez. Amor não propriamente, mas um modo de se ligar a essas pessoas cujo sangue irrompe nas veias artérias e coração. A raiva sangra. O amor sangra. Mulheres sangram. (Gonçalves, 2022, p.22)

Mas o conto ainda é sobre como essa jovem desenvolveu o amor pela própria boca. Isso ocorre quando a avó pretende presentear a neta pelos serviços bem feitos em sua casa. A menina escolhe um batom de morango, pois "era uma oportunidade de ter algo que todas as meninas tinham e ela não" (Gonçalves, 2022, p.23). A avó então elogia a jovem: "Você tem uma boca bonita, fia. Podia ser até modelo de boca dessas revistas". A partir daí, a jovem passa a amar a própria boca também — o que revela o peso e a importância das palavras da avó, e, por extensão, o peso da parentalidade dentro da sociedade. Uma avó incapaz de elogiar a filha ou qualquer outra pessoa não-branca da localidade, que evita reconhecer qualquer beleza além da própria, mas que, ao elogiar a boca da neta, é capaz de fazê-la amar a própria boca, denotando a importância da maternagem exercida de forma saudável. Contudo, não é isso que a avó representa: ela está ali como uma figura do autoritarismo patriarcal — a mão pesada, as palavras que machucam, a capacidade quase nula de demonstração de afeto para além do elogio da boca da neta, afastando-se consideravelmente de uma educação produtiva.

O que se percebe, por fim, no conto, é que mesmo com o rancor, mesmo com todas as frustrações vividas, foram as mulheres que se mantiveram e se apoiaram na relação familiar, afinal as mulheres são ensinadas a exercitar o amor, não o contrário. A avó representa o patriarcado, em verdade, mas não deixou de sofrer as mazelas dele, sendo esse um dos fatores que contribui para sua amargura. Não raro, a representação na literatura de mulheres que se mantêm unidas apesar das dificuldades, enquanto os homens a quem são próximas vão embora, é recorrente. Tomemos, por exemplo, o que Oghadeva descreve sobre o final da narrativa de *The Joys of Motherhood* (1979):

No final da narrativa, a mãe está muito arrependida, pois os filhos homens dos quais ela esperava receber cuidados na velhice

tiveram sucesso e viajaram para o exterior, deixando-a sozinha e esquecendo-a. Enquanto as meninas que ela obrigou a deixarem a escola para se casarem tornaram-se seu pilar de força à medida que ela envelhecia até sua morte, mostrando a relevância das meninas na sociedade e na instituição familiar e indicando uma rota de fuga em que a sororidade entre filhas e mães se apresenta como uma estratégia de resistência e de sobrevivência para o envelhecimento feminino na Nigéria. (Oghadeva, 2025, p.296.)

Enquanto um pai abandona mulher e filha, a mulher que fica se desdobra na dupla jornada de ser mãe e provedora, dando o máximo de si para que sua vida não se desmorone, o que acaba por deixar o afeto e o carinho em último plano. "A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela", diz Badinter (1985, p.202). A avó, por outro lado, apresenta-se no conto como uma representação do patriarcado, da educação sexista que segue os padrões da classe dominante e que tende a colocar as mulheres como inimigas umas das outras. hooks (2019, p.85) afirma que "o sexismo ensina as mulheres a odiarem a mulher, e, consciente e inconscientemente, somos guiadas por esse ódio em nosso contato diário umas com as outras" — e a avó reflete tão bem essa característica da educação sexista que os julgamentos por ela desferidos recaem sobre sua filha e sua neta, e não sobre o homem que abandonou mulher e três filhos, fugindo assim de suas responsabilidades como pai.

Quanto à mãe, ela pode cometer diversos pecados quando cuida de suas filhas, mas o abandono, a fuga de suas responsabilidades, não é um deles. "Piolhos", assim como "Bocas", apresenta uma personagem adulta — a mesma menina — rememorando sua infância. Ao ler um conto, a personagem é apresentada aos piolhos de tristeza: "numa cultura longe daqui se acreditava que profundas tristezas geravam piolhos brancos" (Gonçalves, 2022, p.49). Ambas — a personagem do conto dentro do conto e a personagem-narradora — lidam com a ausência materna: a primeira, com o abandono materno; a segunda, com a falta de afeto da mãe. Isso é perceptível quando se lê que a protagonista "tinha sido uma menina piolhenta com uma mãe que não partiu, mas também não esteve ali" (Gonçalves, 2022, p.53), e que um dos poucos momentos de afeto entre elas foi quando a mãe passou o pente-fino em seus cabelos para livrá-la dos piolhos, o que levou a menina a sentir (ou talvez, inventar) coceiras constantes, a achar que sempre havia piolhos em sua cabeça, pois assim a mãe

acariciaria mais uma vez seus cabelos. "Mesmo a mãe reclamando, xingando, esbravejando quando não encontrava um piolho sequer, passava o pente-fino nos cabelos da menina e esse era o momento de amor maior e ligação entre aqueles seres. Ela, a mãe e os piolhos" (Gonçalves, 2022, p.51).

Uma mãe que cuida, que alimenta, que supre as necessidades básicas da filha, mas que não dá o afeto que a filha anseia. Aproxima-se das mães camponesas que deixavam seus filhos em casa para poder lavrar sua terra, cuidar de seus animais ou ser amas-de-leite para os filhos das burguesas (Badinter, 1985, p.123). Essas mães, que também eram amas, não podiam deixar de trabalhar; a atenção e o afeto não eram as características mais fortes de sua maternagem. Entretanto, ao chegar em casa e ter seu próprio filho e o filho da mulher burguesa para cuidar, era seu filho que amamentava; ao filho da mãe burguesa, dava uma mistura qualquer apenas para saciá-lo. "Como também censurá-las por manter junto de si seu próprio filho e alimentar o filho das outras com os restos, que completam com papas inteiramente indigestas? Mistura de água e de pão que mastigam previamente, antes de dar à criança" (Badinter, 1985, p.123). Mais que isso, reflete o fato de que exercer a maternidade ao mesmo tempo que se precisa buscar fontes de renda, praticamente sem auxílio, é desafiador (hooks, 2019, p.204).

O conto que dá nome ao livro não trata necessariamente da relação familiar, mas sua introdução, ao relatar as agressões que acometiam a personagem principal, é o que permite construir todo o pano de fundo para o desenrolar da trama.

Muito pequena, questionava, no entanto; aprendeu com as espadas-de-São-Jorge do quintal que regras são regras e devem ser cumpridas. A mãe ensinou-lhe bem essa lição, porque foi assim que aprendeu. "Aprendi com fio elétrico, com cabo de vassoura!", dizia, enquanto ensinava a menina a como não esquecer coisas, como não responder mal, como não ir mal na escola, como se comportar em casa, como não lembrar a si mesma da vida dura de uma mãe que cria filhos sozinha (Gonçalves, 2022, p.53).

A mãe aprendeu primariamente pela dor e assim ensinou também sua filha. Alguém que foi machucada e, por desconhecer outra forma de ensinar, machuca a quem deveria dar amor e proteção. A menina? Após ser ensinada de forma

violenta sobre regras, continuou a estabelecer regras para si, pois assim sentia-se segura. Em "fármacos", ela relata a importância dos acordos em sua vida e o quanto odeia quebrá-los. "Veja bem, detestava quebrar acordos estabelecidos. Quebrá-los a destruía e precisava se sentir destruída para se sentir menos culpada pelo real motivo que a fazia sair daquela relação" (Gonçalves, 2022, p.67). Em "dissolúveis", ela aponta o que a levou a atribuir tanta importância às regras:

passou a mão na pequena, quase imperceptível cicatriz acima do joelho. De um dia de uma mãe cansada e que novamente a fez lembrar que, para a vida, existiam as regras e elas deviam ser cumpridas. Nesse dia, a mãe jogou todas as regras nas pernas da menina, que sangraram. Então, quando saiu de casa, a garota se viu precisando das regras porque senão alguma coisa não giraria na sua órbita. (Gonçalves, 2022, p.53.)

Tanto em Badinter e seu estudo da história da maternagem quanto em Gonçalves e sua representação da maternagem na literatura, a falta de afeto não significa falta de amor e cuidado. Entretanto, Gonçalves destaca o quanto uma criança pode sentir falta de afeto e como o disciplinamento violento, as surras, podem influenciar o pensamento e o curso da vida de uma criança. hooks (2021, p.48) afirma que o amor e o abuso não podem conviver no mesmo ambiente — e não se pode deixar de concordar, mas também se sabe que só se pode transmitir aquilo que foi ensinado. Uma mãe que aprendeu com vara tende a ensinar com vara, pois a educação amorosa não está em seu horizonte de aprendizados. Afinal, como a própria hooks salienta: "Sou grata por ter sido criada em uma família que era cuidadosa [...] se meus pais tivessem sido bem amados pelos pais deles, eles teriam dado amor aos filhos. Eles deram aquilo que receberam". A mãe da protagonista também deu aquilo que recebeu: "A mãe ensinou-lhe bem essa lição, porque foi assim que aprendeu. 'Aprendi com fio elétrico, com cabo de vassoura!', dizia, enquanto ensinava a menina a como não esquecer coisas" (Gonçalves, 2022, p.53). hooks também destaca que precisamos estar conscientes de nossas ações para analisá-las criticamente (2021, p.130). Como analisar criticamente ações que eram repassadas de pais para filhos como a forma correta de se educar sem a necessária instrução para tal? O que leva pessoas oriundas de famílias disfuncionais a não considerar as atitudes de seus pais como abusos, tendo na verdade sido ensinados que o abuso poderia coexistir com o amor (hooks, 2021, p.49-51)? Uma mãe que vivia no interior, que

foi ensinada com vara, dificilmente transmitiria algo diferente; mas, naquilo que ela poderia fazer dentro do seu microcosmo de existência, foi feito. Não se exime a personagem da culpa, mas se aponta como, sem ensinamentos que exemplifiquem os males do abuso e da falta de afeto, e numa realidade onde exercer o afeto era muito difícil, tal educação revolucionária seria inviável.

O amor de quem não aprendeu a exercê-lo

Com exceção do conto "piolhos", em que a mãe se põe a limpar os cabelos da filha diversas vezes no intuito de livrá-la de piolhos inexistentes — mas a filha insistia que existiam e que a cabeça coçava —, não foi apontado outro momento sequer de cuidado dessa mãe para com a filha. Já "miúdos" apresenta, em certo nível, a redenção materna (construída de forma proposital pela autora).

Em "miúdos", tem-se mais uma vez a personagem adulta vivendo uma experiência que a faz rememorar sua infância. Dessa vez, a jovem está com um amigo que lhe oferece um coração de galinha, o que a leva de volta à infância, quando, durante algum tempo, esses miúdos eram a única proteína que entrava no escasso orçamento da família. "Que tempero usar para disfarçar o gosto da escassez e da pobreza? Se lembrou dos miúdos muito bem-preparados pela mãe. [...] A carne que era possível ser posta à mesa para alimentar três bocas famintas, além da boca da própria mãe" (Gonçalves, 2022, p.79). A mãe, na posição de mãe solo, era agora a única capaz de trazer alguma renda para casa e a principal responsável por suas filhas. Por conta disso, não deixava que a realidade afetasse as meninas; dizia que as mudanças eram provisórias, que não morariam naquele casebre por muito tempo e que as meninas eram inteligentes, pois haviam puxado o pai. Outro aspecto que hooks destaca é justamente a autoestima. A mãe, ao elogiar o pai ausente, acaba por se diminuir, o que traz dois problemas: o reforço ao discurso patriarcal que destaca as características dos homens em detrimento das mulheres; e o fato de que a falta de autoestima também acarreta a falta de capacidade de exercer o amor, pois "o amor próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham" (hooks, 2021, p.106).

Ao longo do livro, é destacada a falta que o pai faz para a família como um todo. Em "bocas", a partida do pai era a forma que a avó utilizava para humilhar

mãe e neta; em "bonequeiro", é destacado como os brinquedos e diversos itens da casa foram sumindo enquanto a renda da família diminuía com seu sumiço, obrigando as crianças a fazer seus próprios brinquedos. Entretanto, é necessário questionar se a falta realmente era do pai ou do dinheiro, principalmente ao perceber que as queixas da narradora quanto à ausência paterna geralmente são acompanhadas da falta material: móveis que vão sumindo da casa, brinquedos que se acabam, a mesa da cozinha cada vez menos farta. Tais apontamentos, na mente da narradora, servem para unir os fatores: "Não se lembrava de ter que comer essas comidas antes da partida do pai" (Gonçalves, 2022, p.79).

A menina, agora adulta, não queria comer miúdos oferecidos por seu amigo — menos pelo gosto e mais pela falta que simbolizam de quando era pequena: "Do pai, da mesa farta, do dinheiro tão mínimo pelo qual sua mãe digladiava dia a dia limpando chão de casas ou no chão de fábrica" (Gonçalves, 2022, p.80). A mãe, que em contos anteriores educava com agressividade e demonstrava pouco afeto, tem sua rotina exaustiva mais uma vez destacada — uma vida que, de tão desgostosa, por vezes a tornava incapaz de oferecer o afeto que suas filhas necessitavam. Mas ela não deixava de tentar entregar o melhor dentro de sua realidade. Confiava em sua filha, entregava-lhe o dinheiro e a instruía sobre o que comprar.

A nota que dava bastantes miúdos, suficientes para três ou quatro dias, que seriam cuidadosamente feitos e temperados pela mãe, que sabia que a filha não gostava, então fazia com o esmero das mulheres que precisam cuidar dos seus. O cuidado necessário para disfarçar o sabor, esconder a falta. (Gonçalves, 2022, p.80.)

Então, a mãe que peca na demonstração de afeto é a mesma que se esforça constantemente para diminuir as dores que a pobreza causa em suas filhas. hooks (2019, p.204) lembra que "quando se vive em luta pela sobrevivência [...] é muito difícil dar uma atenção especial à parentalidade" — como demonstrar afeto quando se está em uma luta constante para manter a casa, alimentar a família, impedir que tudo desmorone enquanto se finge que está tudo bem? Ainda mais sendo mãe solo, pobre, em situação periférica. Não obstante, "segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe" (Badinter, 1985, p.26); ainda que a vida que essa mãe leve seja repleta de adversidades, ela cumprirá seu papel social da

forma que lhe for possível. E se, em "miúdos", o cuidado da mãe com o preparo denota o cuidado dela com as crianças, em "manga" o que se percebe é a privação a que essa mãe se submete para permitir que seus filhos tenham um cardápio minimamente variado.

"Manga" apresenta mais uma lembrança da infância desta personagem, agora mãe, que descasca mangas para o filho comer, assim como sua mãe fazia quando ela era pequena. A mãe a mandava junto com seu tio para pegar mangas no quintal de três irmãos que viviam sozinhos, após orientá-las sobre quais mangas deveriam pedir. Assim que as mangas chegavam, essa mãe se dispunha a descascá-las para armazená-las, dando algumas para as crianças. Já adulta, a menina deixou de gostar de manga: "O estômago daquela mãe que lembra da sua própria começa a embrulhar. Não gostava de mangas. Não gostava do cheiro doce e forte. Da pele que vai se rasgando revelando outras peles [...] A mãe que deixava de comer para alimentar os filhos" (Gonçalves, 2022, p.92).

Badinter (1985, p.76) afirma que "a mãe-pelicano que abre as próprias entranhas para alimentar os filhotes é um mito. Mesmo que existam numerosos casos em que a mãe sacrificou a vida pelos filhos. Os casos particulares jamais constituirão uma lei universal da natureza". Eis em *dissolúveis* o exemplo da mãe-pelicano, que, mesmo tendo pouco, tudo era para seus filhos; que, mesmo sem saber exatamente como direcionar o amor que tem, o faz da melhor forma que aprendeu. A filha descobre que "manga não era assim a fruta tão favorita de sua mãe, mas o alimento gratuito dos quintais vermelhos de sua terra" (Gonçalves, 2022, p.91).

A fruta favorita da mãe era pêssego, e não manga. Outra pele arrancada. A manga era tudo o que ela tinha para que os filhos pudessem comer arroz com ovo. Uma pele mais grudada à carne amarela, difícil de puxar, mas arrancada. Uma mulher sozinha com seus filhos no mundo. Agora puxava a última pele. Os olhinhos tão pretos do menino, como eram os seus quando menina, estavam esperando a fruta que aprendeu a gostar sozinho. A jovem que descasca uma fruta da qual deixou de gostar (Gonçalves, 2022, p.91).

Uma mãe que come aquilo que não gosta para que seus filhos possam ter uma alimentação minimamente variada. Uma mãe que sacrifica o que pode para dar a seus filhos, que, incapaz de oferecer afeto — ou não sabendo como fazê-lo —, compensa em outros aspectos; que, tendo aprendido lições a partir da educação abusiva, ensina com a mesma rigidez, mas que, em sua cosmovisão, é

aquilo que fará com que sua criança aprenda. A mãe-pelicano de Badinter é apresentada aqui, imperfeita e errática, mas amorosa dentro daquilo que entende como amor. Ambivalente, tenta dar à filha o máximo de si, aquilo que não teve; é o que, no fim, nos leva a constatar que a narradora, enquanto descasca mangas para o filho, assim como sua mãe fazia para ela, percebe o mesmo que Lya Luft percebeu:

pai e mãe amorosos ou hostis, bondosos ou indiferentes, sofrendo de todas as naturais fraquezas da condição humana que só quando adultos reconhecemos. Por fim, havemos de constatar: meu pai, minha mãe, eram apenas gente como eu. Fizeram o que sabiam... o que podiam fazer (Luft, 2004, p.23).

A autora também tende a reforçar isso a partir da organização dos contos no livro, o que ajuda a estabelecer a ideia de redenção da mãe. "Bocas" apresenta a influência da avó na educação da mãe e da menina e todo o ideário patriarcal presente em suas atitudes; "piolhos" e "dissolúveis" demonstram como essa mãe, tão influenciada pela educação da avó, educava a menina de forma violenta e, por vezes, não transmitia o afeto que uma criança tanto necessita por parte de sua mãe; por fim, "miúdos" e "manga" apresentam a realidade da mãe: mãe solo de três crianças, limpando chão de fábrica e de casas alheias para conseguir um dinheiro que mal dava para alimentar a família, tanto que precisava constantemente comer praticamente apenas mangas — frutas gratuitas que estavam disponíveis nas terras da região — para que as filhas pudessem se alimentar de forma minimamente variada. Tais fatos eximem a mãe de culpa pelos maus-tratos? De forma alguma. Mas destacam que, dentro daquilo que era possível e que ela entendia como possível, tentou.

Reflexões finais

Os contos de *dissolúveis* são exemplos de representatividade feminina — são muito daquilo que é necessário para que a literatura feminista subverta a forma como as mulheres foram e são representadas na literatura. Encontram-se neste livro personagens complexas, capazes de deixar o leitor impactado, de torná-lo capaz de entender ambos os lados e de se colocar em ambas as posições. A literatura de Vanessa Gonçalves abrange com êxito a complexidade feminina e, nos casos aqui trabalhados, a complexidade materna. É capaz de apresentar

personagens profundos mesmo em textos que, superficialmente, não apresentam conexões entre si, em textos que não apresentam falas a menos que sejam estritamente necessárias. É essa representatividade que Barbosa (2020) chama de "feminizar a literatura":

Feminizar a literatura e, por consequência, o mundo, é, segundo a crítica feminista, ousar descrever e reinventar a vida sobre o ponto de vista do feminino, agora não mais como essência mítica e sim como a experiência histórica pela qual passaram muitas mulheres. (Barbosa, 2020, p.23.)

Não se trata apenas de apresentar o ponto de vista feminino com mais veemência, mas de torná-lo mais amplo, de tornar as personagens femininas mais complexas, mais profundas. Uma personagem incapaz de demonstrar afeto a seus filhos por conta de sua rotina exaustiva, mas pronta para passar fome por eles se necessário. A construção de uma personagem tão ambígua é um dos êxitos de Gonçalves em *dissolúveis*.

As conclusões sobre a representatividade feminina dos textos de *dissolúveis* não se esgotam neste artigo, afinal apenas uma das óticas possíveis para se observar as personagens femininas da obra foi analisada. Fica exposto, portanto, que outras análises podem e devem ser elaboradas no futuro — o que não se pode é deixar que uma obra tão rica passe sem ser comentada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. 8ªed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. Introdução: por que ler a obra de Ana Maria Machado. In: BARBOSA, Adriana Maria de Abreu (org.). *Para ler: Ana Maria Machado: uma perspectiva feminista*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2020, p.17-28.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2 vol. 1980.
- EMECHETA, Buchi. *The Joys of Motherhood*. London: Heinemann, 1979.
- GONÇALVES, Vanessa. *dissólúveis*. Itajaí: Rizoma; Pinheiros: Patuá, 2022.
- hooks, bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro* [1984]. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- hooks, bell. *Tudo Sobre o Amor: novas perspectivas* [1999]. São Paulo: Elefante, 2021.
- LUFT, Lya. *Perdas & Ganhos*. 21ªed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- OGHADEVA, Osaro Isi. *Representações da maternidade nigeriana: patriarcado, resistência e a desconstrução do ideal materno em the joys of motherhood*, de buchi emecheta. *fólio: revista de letras*. v.16, n.2, p.284-301, jul.-dez./2025. <https://doi.org/10.22481/folio.v16i2.18208>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18208>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia - relações historicamente estreitas em revisão. *GALÁXIA (PUCSP)*, v.29, p.155-166, 2015 <https://doi.org/10.1590/1982-25542015120031>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/Q7mtHWsk4mzmxct5k3trbNg/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.16, p.137-150, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- VASQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: Notas sobre uma Relação Plural. *Revista Trilhas da História*, Três Lagoas, v.3, n.6, p.167-181, jan.-jun./2014. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009, p.217-242.

Between Affection and Absence: Motherhood and Feminist Critique in Vanessa Gonçalves's *Dissolúveis*

ABSTRACT

KEYWORDS:

Vanessa Gonçalves
dissolúveis
Motherhood
Feminist theory
Contemporary Brazilian
literature
Feminist literature

This article analyzes short stories from Vanessa Gonçalves's *dissolúveis* (2022) that address the theme of motherhood, aiming to observe how the maternal experience is expressed in the work and how female characters are constructed in their complexity and ambivalence. To this end, it mobilizes a feminist theoretical framework ranging from Badinter's (1985) historical approach to bell hooks's (2019; 2021) contributions on the relationship between education, motherhood, and love. The analysis seeks to establish parameters that allow for a critical in-depth reading of the stories and a better appreciation of Gonçalves's prose.

SUBMETIDO: 20 de janeiro de 2026 | **ACEITO:** 23 de fevereiro de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#)
